



Tircia Caxinda

**VERDADES
SECRETAS**

+18

VERDADES SECRETAS

Tircia Caxinda



Título: Verdades Secretas
Autora: Tircia Caxinda
Prefácio: Eduardo Mayembe e Suri Santana
Edição e Diagramação: Cubo Mágico
Designer da Capa e Revisão: Cubo Mágico
Supervisão: Tircia Caxinda
Copyright: Tircia Caxinda_O
Dezembro, 2023

Nenhuma parte dessa obra pode ser reproduzida na presente forma ou por qualquer processo, eletrônico ou fotográfico, incluindo fotocópia ou gravação, sem autorização da autora. Exceptua-se, naturalmente, a transcrição de pequenos textos para apresentação ou crítica ao livro. Os transgressores são possíveis de procedimento judicial.

Angola/Luanda
E-mail: tirciacaxinda059@gmail.com
Facebook: Tirciacaxinda_escritora
WhatsApp: 930435491
930435491/929153439



e-mail
Cubomagicoed23@gmail.com

contactos:
(+244) 951031282



A todos os jovens sonhadores, que lutam para ter e dar o melhor para suas famílias. Aos amantes de boa leitura, e toda comunidade que faz de tudo para o bem da humanidade.

Use preservativo. Proteja a si e a quem você ama.

Agradecimentos

A Deus, o Todo-Poderoso, aos anjos da minha vida, pessoas que fazem e fizeram tudo para que a apresentação e o lançamento desse e-book fosse possível.

Aos meus pais, a minha família, amigos, seguidores, admiradores, aos amantes da literatura.



Índice

Prefácio 1.....	9
Prefácio 2.....	11
Sinopse	13
Podia Ser Diferente	14
Sobre a autora.....	69

Prefácio 1

“Breve é a loucura, longo o arrependimento”

- Friedrich Schiller

Tircia Caxinda é uma jovem empreendedora e escritora, tem dado passos significativos no mundo da literatura, é autora da obra *Romances Fracassados* e uma série de livros digitais. Tircia é uma jovem de elevada tenacidade quando se trata de correr atrás dos seus objectivos, é bastante simples e humilde e com bom senso de humor. Em uma fase em que a maior parte dos jovens tem preferência em enveredar para actividades que agregam pouco valor, a autora deste livro tem se mantido resiliente, alimentando o nosso repertório literário de forma hábil

Recebi com grande satisfação o convite para escrever o prefácio deste romance, apesar de não ter traquejo suficiente para a escrita literária aceitei o desafio. Mergulhei nos trechos que compõem o livro e pude notar algum sentido na frase de Schiller apresentado logo no início deste prefácio. Isabel que desde cedo viu a sua castidade ser leiloadada, tornou-se refém de uma vida que descambou em uma desgraça, uma vida que poderia ser diferente se tivesse tido as melhores escolhas, mas ela era inexperiente de mais, ou até mesmo carente demais para ter escolhas. Uma menina que teve de abrir mão à sua dignidade para poder sustentar os seus parentes, sacrificou sua vida sem cautelas. A história de Isabel Barona que os queridos leitores terão o ensejo de degustar, é similar a de muitas jovens que se entregaram a um destino sem ter a oportunidade de medir as consequências.

Não pretendo alongar-me de modos a extenuar os leitores neste prefácio, mas sim, convido-os para uma viagem com partida nos subúrbios de Luanda com escala para França e Portugal, e regresso novamente à Luanda. Caros leitores, garanto-vos que não se vão arrepender por esta viagem, no final cada um de vós poderá tirar as próprias ilações.

A publicação desta obra vem contribuir para a produção literária e incentivando assim mais jovens a enveredar para o mundo da literatura e em especial no género literário romance. Felicito esse atrevimento da autora, e que mais jovens alinhem no mesmo caminho.

Eduardo Félix Mayembe

Prefácio 2

Quem introduz uma obra, comumente, é uma pessoa escolhida em função da relação (de amizade, respeito ou profissão) que tem com o/a autor/a, sua competência, conhecimento e gosto pela escrita. Portanto, recebi com bastante alegria o honroso convite desta rica jovem, escritora Tircia Caxinda, para prefaciá-la sua segunda obra literária e poder dar-vos em primeira mão algumas razões para lê-la.

Após a leitura desta obra, de tão emotivo que estava com a sua narração reveladora e transformadora, não medi esforço nem tempo para escrever estes curtos parágrafos sobre as histórias que dão sustento a este prefácio.

Por isso, o que vos proponho a seguir é uma viagem a um mundo real dos sentidos e sensações da emoção que qualquer jovem está prestes a experimentar ou a testemunhar na vida de alguém próximo, porquanto todos temos experiências vividas na primeira ou terceira pessoa.

Este livro apaixonante, por todas as VERDADES que representa e revela, oferece ao/à caro/a leitor/a uma reflexão sobre as gerações, a cultura angolana, ambições ou vontade de vencer na vida a qualquer custo, prazeres e relacionamentos, numa sociedade da informação e tecnológica com todos os riscos a ela associado, contextualizada ao momento desafiante que mulheres e homens, jovens e adultos angolanos atravessam, todos eles movidos pelo amor, sexo, fama, dinheiro, traição/mundo espiritual, liberdade,

arrependimento e culpa, que deveras constituem os seus temas principais.

Em suma, esta obra, por tudo quanto li, e como diz o seu próprio título, é possível afirmar que, com exceção do nome dos personagens, destas VERDADES não foram acrescentadas ou retiradas nem uma letra para deixarem de ser VERDADES. Elas apenas foram reveladas, para deixarem de ser SECRETAS. E mitos são os ensinamentos que são passados com essas VERDADES, a saber: a importância de amar o próximo e tomar atitudes que engrandecem a nossa alma; controlarmos os nossos impulsos; compreender a fragilidade da vida e as situações vividas pelos que nos rodeiam e tentar ajudá-los.

Suri P.R. Santana

Sinopse

Uma jovem intensa, com uma vida pela frente, vê-se obrigada a mergulhar no caminho da fama e, sem a perceber, cavou a sua própria sepultura.

Quando pensar que o jogo terminou, está só a começar...



Podia Ser Diferente

Todos os dias em casa era quase a mesma coisa, a mamã acordava cedo para ir à labuta apesar da sua idade já meio avançada. Seu semblante espelhava cansaço e suas costas reclamavam todos dias a noite. Em condições normais ela nem teria rugas, mas os trabalhos quase que forçados de todos os dias acabavam com sua beleza aos poucos, dormir tarde e acordar cedo, isso se desenhava cada vez mais na sua pele facial.

Ela acordava e de seguida ao passar pela sala saltando os meus irmãos que sempre se deixavam conduzir pelo sono literalmente, tocava em meus ombros para me despertar e passar algumas instruções de como faria para sobrevivermos diante de mais um dia com sabor a ampicilina, todos dias eram amargos. Quando estivéssemos bem, ela deixava quinhentos kwanzas para nos aguentar durante o dia, isso pelo menos até ela voltar e trazer o jantar que muitas vezes chegava por volta das vinte e uma horas, quando as coisas estivessem realmente apertadas, tínhamos que nos virar com duzentos kwanzas.

Na maioria das vezes eu comprava alguns pães pequenos que eram comercializados no valor de vinte kwanzas para que cada um dos meus três irmãos comessem e restasse alguma coisa para meter no estômago quando entardecesse. Claro, era sempre preciso ter alguma coisa para fazer descer o pão pela garganta, então o óleo vegetal era sempre importante, não importando se já havia sido usado ou não no dia anterior, nunca jogávamos fora, então para acompanhamento tínhamos o chá e, quando não tínhamos, água com açúcar era uma doze alternativa, os petizes não se importavam, se calhar porque não sabiam que mereciam mais.

Às vezes, quando levantava para acompanhar a mamã até a rua e vê-la entregar-se aos cuidados da lua nas primeiras horas do dia, antes que o sol sorrisse para midgard, era triste ver aquele cenário, lâmpadas acesas, de uma à outra extremidade da rua, minha casa era a exceção. Poderia se dizer que Deus não conhecia aquela casa e, se conhecia, certamente não gostava muito de nós, sei lá porquê razão.

Cá entre nós, não é que o negócio da mamã não nos dava algum dinheiro, na verdade dava para pagar algumas contas da casa, ainda que com atrasos, e dar-nos um jantar digno, mas você sabe como é o coração de mãe, ela tinha tomado a decisão de custear minha formação, dizia sempre “você é meu maior investimento, Isabel. Estuda, cresce e salva teus irmãos.” Eu cresci ouvindo essas palavras, isso desde que o papá cansou de ser pai e decidiu ser livre como pássaro, deixando para trás o seu ninho. Ao menos pagou-me os estudos até à oitava classe, nessa altura Paulo estava fazendo a terceira classe, enquanto André com três anos e a Sofia com oito meses de vida ainda não tinham idade escolar.

Existe algo pelo qual sou realmente grata, é o facto de o papá ter deixado connosco quando foi, uma casa, não me imagino vivendo debaixo da ponte com o André e a Sofia, vendo a mamã a chorar todos os dias.

Desde cedo percebi o recado da minha heroína, ela precisava de mim para ajudá-la naquela missão super difícil que ela enfrentava desde os meus tempos de menina, eu sabia que tinha que fazer alguma coisa, ficar parada não era a solução, então desde aquela fase da pré maturidade da minha vida, comecei a perceber que meus sonhos poderiam esperar que eu atendesse primeiro as

necessidades da minha família. Isso fez-me sair de casa várias vezes a busca de emprego, mas é muito difícil encontrar alguém que queira empregar uma adolescente.

Nalguns lugares onde bati as portas, elas se abriram, mas não eram oportunidades que eu tanto buscava. Elogiavam meus olhos café, meu cabelo cacheado, há quem ia mais longe dizendo pra mim palavras como “viola, deixa-me te tocar”. Sim, eu era mocinha, mas mulher é assim, não importa a idade, ela ama ser elogiada e esse tipo de coisas me faziam enxergar com maior clareza o quão linda eu era, afinal minha mãe não estava errada em nenhuma das vezes que me chamou pelo nome de “Flor”.

Eu sempre tive o sonho de ser modelo, mas agora, esse sonho só tinha crescido mais, eu queria mais do que antes. Ser uma grande modelo, desfilando nas melhores e maiores passarelas do mundo, ser vestida pelos estilistas mais importantes do mundo, ser capa de revistas, cara de marcas importantes, aparecer nas publicidades dos canais televisivos mais assistidos no meu país e não só, eu queria poder fazer dinheiro com a minha cara, com meus olhos pretos, com meus puxos na cabeça, fazer dinheiro com meu sorriso e aos poucos o meu sonho tornou-se em realidade.

Anos depois, graças a algumas colegas no ensino médio, eu pude conhecer algumas agências de modelo amadoras e as coisas foram se intensificando com o tempo, até que eu consegui realizar esse sonho, mas tive que pagar um preço muito alto, um preço que as vezes sinto que ainda pago e continuarei pagando a vida toda.

Eu sinceramente gostaria que as coisas fossem tão simples como vemos na TV com as princesas da Disney ou nas telenovelas onde no final o bem acaba sempre vencendo, mas não, não é assim

que acontece na vida real. No mundo real a vida te educa da melhor forma e sem margem para erros, e eu errei feio.

Tudo começou quando comecei a trabalhar na agência de moda da senhora Helena de Castro, isso sucedeu depois que fomos vistas num desfile de moda que se realizou numa festa de comemoração do aniversário de um amigo da senhora Helena de Castro, ela viu-me e disse que eu tinha talento e que apostaria em mim. O contrato era simples, tudo legalizado, o ordenado não seria muito, mas certamente seria melhor que no trabalho anterior onde só recebíamos alguma coisa caso houvesse desfile, então conversei com o pessoal todo e eles viram com bons olhos a minha saída e lá fui.

Quando cheguei na agência pela primeira vez, mal pude acreditar no tamanho daquilo, era grande e com muitos compartimentos, alguns claramente maiores que outros. Apresentaram-me a área dos modelos que estava dividida em duas partes: Uma para os rapazes e outra para as raparigas. Armários rosas grandes com chaves para cada uma de nós, uma zona para a troca de roupas, o wc e uma zona para as maquilhagens e outras preparações. O refeitório era único e lá tinha de tudo um pouco, dava pra comer e se fartar, mas as meninas estavam sempre envolvidas nas dietas “Ai! Se eu pudesse levar aquela comida toda pra casa no final de cada dia.”

O meu salário era muito baixo não dava para suprir as minhas necessidades e da minha família, mas algo naquele lugar me intrigava. Tínhamos a mesma carga horária e fazíamos praticamente o mesmo trabalho, mas o salário das minhas colegas era pelo menos cinco vezes maior do que o meu. E eu não entendia

o porquê. Me questionava sempre se tinha algo a ver com o facto de ser a mais nova no grupo, mas algo em mim não estava convencido.

Certo dia, depois de todo o trabalho que tínhamos que fazer, encontrei-me com a Dona Helena de Castro e fui corajosa o suficiente para questionar. Não sabia de onde vinha aquela coragem, mas uma vez que a tinha, perguntei mesmo.

– Patroa! – Chamei-a.

– Sabes que não precisas me chamar assim, não? – Perguntou – Se me chamar Helena ou simplesmente senhora já ficaria muito feliz – concluiu sorrindo para mim. Nossa como ela era linda, a propósito, Helena de Castro já tinha sido modelo e já passou em muitas passarelas, tanto aqui em Angola como no exterior do país. Não era só respeito o que eu tinha por ela, tinha também muito temor e admiração. Claro, não era a minha favorita em termos de passarela, com a Leila Lopes ou a Micaela Reis, mas era a mais próxima delas com quem eu já estive.

– Sim, senhora! – Respondi enquanto admirava no silêncio dos meus pensamentos os seus olhos grossos e acastanhados como coca-cola, e quando ela falava comigo, com aquela classe de miss, quase que me perdia nos seus lábios carnudos e no seu cabelo e pele morena sempre bem tratados. Eu era mesmo pequena diante daquela grande mulher de um metro e mais setenta e nove centímetros.

– Agora fala porque eu preciso continuar o trabalho por aqui. – Disse enquanto acenava para o Joaquim, um dos supervisores de dentro do estabelecimento.

Não dei mais rodeios e fui logo ao ponto: – Senhora, por que é que as outras modelos têm um ordenado maior que o meu? – Falei sem titubear.

– Ahm! – Exclamou – É só isso? – Fiz que sim com a cabeça e ela prosseguiu – As tuas colegas fazem alguns trabalhos particulares comigo no período da noite por isso recebem algum valor extra.

Eu não sabia o que elas faziam concretamente, mas meus olhos diziam claramente o que ia no meu coração, o que estava na minha mente. A necessidade de ajudar minha família se via claramente na forma como eu fazia as coisas e a senhora Helena de Castro já tinha percebido desde o momento que me tirou das agências amadoras e me trouxe para aqui.

– Você quer vir hoje a noite para ver o que elas fazem? – Perguntou.

Sua proposta era muito tentadora, eu tinha na minha frente a possibilidade de dar um salto na minha vida financeira e ajudar melhor minha família. Meus irmãos estavam fora do sistema do ensino e a mamã estava cada vez mais exausta, ela não tinha mais a mesma força de anos atrás, não seria mal conseguir algum valor extra para ajudar em casa.

Claro, eu era de uma família humilde, cresci pobre e não burra. Eu sabia que havia alguma coisa errada com aquele trabalho extra que elas faziam, ainda mais à noite. Por que tanto mistério? E por que que o dinheiro por trás desse trabalho extra era pelo menos cinco vezes mais do que o que recebíamos para desfilar ou pousar para fotos?

Minha mente me fazia enxergar tudo com um olhar crítico e cauteloso. Mas o estômago e o coração apertado pela dor nos meus irmãos me fez desligar a consciência e aceitei ficar até mais tarde para saber o que acontecia no andar de cima das dezoito horas em diante.

Peguei no telefone e liguei para casa.

– Alô! – Era a voz do Paulo do outro lado.

– Tudo bem aí em casa? – Perguntei.

– Tudo sim, mana Isabel – Respondeu

– Passa o telefone pra mamã, faz rápido.

– A mamã não está, ainda não voltou da praça. – Respondeu e no fundo pude ouvir a Sofia chorando.

– Vocês já comeram? – Perguntei já sabendo que a resposta seria um não, mas ainda assim o coração apertou ao ouvi-lo dizer.

– Não, não comemos desde o matabicho – já eram quase dezoito horas.

– Diz a mamã que vou chegar tarde, vou receber um trabalho extra e se der tudo certo as coisas lá em casa vão melhorar. No meu baú de roupas tem um caderno por cima, abre e tire duzentos para comprar pão. Beijos, cuida dos teus irmãos e faça a Sofia calar. – Depois que desliguei, não tive dúvidas, eu faria aquele trabalho, seja ele qual fosse, eu tinha que fazer.

Alguns minutos mais tarde, estava sentada no refeitório da agência quando a dona Helena de Castro chegou junto com cinco das minhas colegas. Eram a Cláudia, Nádia e a Bernadete, elas três

juntas tinham mais dinheiro que a metade da população do meu bairro, não era de estranhar que fossem as melhores modelos da Helena Top Model; as caras da agência.

– Toma. – Disse a dona Helena ao estender-me a mão com uma sacola de presentes de cor branca, tinha uma letra H maiúscula estampado na mesma. – É um brinde de boas-vindas – Concluiu.

– Mas, patroa... – tentava falar quando ela me interrompeu.

– Senhora ou Helena, filha, já falamos sobre isso hoje cedo, não? – Perguntou.

– Sim, mas eu não posso aceitar esse...

– Fica tranquila, Isabel, isso não quer dizer que você já tenha aceite alguma coisa, é apenas um brinde. Não vamos obrigar-te a fazer nada que não queiras – Falou – Você não está assinando nenhum contrato ou está? – Perguntou e eu fiz que não com a cabeça numa expressão de desconfiança, mas ela sabia como mexer com minha cabeça, sorriu pra mim e disse: – Receba, por favor, você merece!

Peguei na sacola e elas, todas com um sorriso nos lábios, olhavam pra mim, esperando que eu abrisse, mas não abri. Espreitei para dentro da sacola e vi uma caixinha de telefone, parecia um iPhone, junto de um envelope com alguns valores dentro. Minha curiosidade pedia que eu abrisse logo, mas não ia ceder à tentação, abri minha pasta e levei a sacola para dentro dela.

– Vamos? – Perguntou a Boss.

– Sim! – Respondemos em uníssono.

Dirigimo-nos ao elevador e antes que o elevador se abrisse para entrarmos, dona Helena voltou-se para mim e disse: – O que acontece depois desse elevador morre aí, tudo que vires lá em cima, as pessoas, as músicas, a comida, as luzes, cores, tudo inclusive o oxigénio que respirares lá em cima, deverá ficar lá quando pegares o elevador para descer. Percebes? – Eu fiz que sim com a cabeça.

– Não quero assustar você, mas as pessoas que vais encontrar aí, são homens e mulheres de família, pais e mães, mulheres, maridos, filhos ou filhas de alguém. Algumas delas talvez sejam conhecidas tuas, mas aí dentro você vive como quem não conhece ninguém. Algumas dessas pessoas são muito influentes na sociedade e elas confiam seus segredos a nós, a vocês, e o mais importante, são pessoas que podem, num piscar de olhos, mudar vossas vidas não só no bom sentido, mas também no mal pela influência que chegam a ter na sociedade.

Aquelas palavras pareciam um daqueles juramentos que se faz para ser um tipo de herói ou um militar, médico, bombeiro, sei lá, mas, se em cima das nossas cabeças tinha algo ou alguém que poderia mudar minha vida e a da minha família para melhor, num passe de mágica então eu tinha que entrar, meu sangue começou a ferver naquele momento.

O elevador abriu-se e subimos, antes que a porta voltasse a se abrir, recebemos máscaras que cobriam praticamente apenas os nossos olhos – Isso vai proteger a vossa identidade – Dizia a Boss.

A porta se abriu e antes que nós púséssemos um pé dentro daquele lugar, as luzes, a música, o cheiro a whisky e um pouco de fumaça entraram no elevador. Saímos e fiquei por quase um minuto

olhando para tudo aquilo. Parecia uma daquelas festas que algumas vezes via na televisão.

À nossa esquerda um palco com muitas luzes e uma passarela que ia até quase ao centro daquele estabelecimento. A passarela culminava com uma pequena roda onde algumas moças dançavam quase nuas, se apoiando naqueles tubos dourados que chegavam até ao tecto. Algumas cadeiras estavam nas laterais da passarela, parecia ser um espaço reservado para a plateia, algures atrás num degrau um pouco mais alto, haviam cadeirões para os VIPs.

No centro, bem a nossa frente havia uma pista de dança e atrás dela dava para ver o bar e junto a ele a cozinha. À nossa direita, uma área mais reservada e superorganizada, ali ficavam os caras mais importantes, aqueles cujos valores sustentavam o edifício completo. Aquele lugar era separado por uma parede de vidro com portas automáticas que se abriam assim que as pessoas chegavam perto, nem parecia estar tudo no mesmo sítio, naquele lugar o ambiente era diferente, uma espécie de Casino.

Acima de nós, dava pra ver que as escadas levavam à algumas portas enumeradas, das que eu pude ver eram cinco, mais tarde descobri que eram um total de oito suites especiais e devidamente preparadas, sim aquilo era uma casa de prostituição e minhas colegas eram as prostitutas e a Boss, dona Helena de Castro, era modelo durante o dia, mas a noite era uma espécie de cafetina. Quanto a mim? Eu não era uma vítima, era uma pessoa como qualquer outra com sonhos e necessidades para atender.

Fomos para um lugar onde nos assentamos e comemos, dona Helena levantou-se e foi atender um pessoal na área VIP, nós ficamos aí mesmo. Cláudia e Nádia conversavam e falavam de

coisas que só elas entendiam, Bernadete era a mais calma entre elas.

– Esse palco – Disse – Não é lindo? – Perguntou-me.

Olhei para ela e para saber se falava comigo e notei que ela olhava para mim – Sim. – Respondi – É mesmo muito lindo, melhor com o que temos lá em baixo.

– Pois – Concordou – Essa passarela, as luzes, a música e até as cadeiras e as poltronas ali postas, tudo aqui faz com que esse palco seja tão glamoroso.

Bernadete via as coisas como eu via, não demorou para nos darmos bem, ela tinha passado por uma experiência parecida, já foi tão inocente quanto eu e ela sabia o que viria depois das sacolas de brindes e coisas parecidas.

– Sabe – Falou mais – Essas coisas todas te seduzem e conquistam os teus olhos, mas são só uma anestesia antes de uma operação dolorosa que deixa uma cicatriz grande e feia que fica para a vida inteira. – Olhei para ela fixamente enquanto ela olhava para a passarela e ela continuou dizendo: – Não há nada que você quer mais do que estar ali, desfilando, debaixo dos holofotes, com essa sala cheia de pessoas ricas jogando dinheiro sobre você. – Fez uma paragem para olhar bem no fundo dos meus olhos e depois disse – Depois que você subir ali, porque eu sei que vais subir, tuas necessidades e as da tua família vão acabar, mas a tua dignidade e valor próprio também, nunca mais te sentirás a mesma.

Aquelas palavras poderiam ter sido suficientes para me fazer mudar de ideia, eu tinha entendido a mensagem por detrás delas, o que Bernadete queria dizer, mas as noites sem comer, os choros da

mamã na madrugada ou os choros das crianças durante os dias, assim como o analfabetismo invadindo minha casa; essas coisas não se importavam com a minha dignidade ou com o valor próprio de que a Bernadete falava e isso fez com que me caíssem lágrimas dos olhos e recebesse um abraço daquela que acabava de se tornar uma amiga para mim.

– Não precisas falar nada – Disse – Eu percebo!

Quase duas horas depois, dona Helena voltou e pediu as meninas que fossem se preparar porque o trabalho ia começar, mas ela sentou-se ao meu lado para uma breve conversa.

– O que achou desse lugar?

– É incrível – Respondi – É tudo muito atraente, bem melhor que a agência.

Olhou a volta e disse: – Esse é o meu maior investimento. É daqui onde vem todo dinheiro que temos investido na agência e noutros negócios, o meu pote de ouro.

Com lágrimas nos olhos perguntei: – Eu posso desfilar aqui? – Era o grito de desespero de uma menina que se viu obrigada a crescer de forma precoce pelas circunstâncias da vida.

– Podemos falar disso amanhã – Respondeu – Agora volta para casa, sua mãe deve estar preocupada. O meu motorista vai levar você.

– Obrigada, Chefe! – Respondi.

Ela sorriu para mim e de seguida acompanhou-me até ao elevador e eu desci e saí da agência, o motorista da dona Helena de

Castro levou-me como ela tinha dito e não houve um momento naquela caminhada que eu não pensasse em tudo quanto tinha vivido aí e em tudo que estava por vir se eu conseguisse trabalhar para a Boss no período noturno.

Cheguei em casa quando eram quase vinte e três hora, meus irmãos estavam dormindo, mas a mamã estava acordada esperando por mim, ela sempre fazia isso quando chegava tarde da escola, isso quando comecei a fazer o ensino médio.

– Boa noite, mamã! – Saudei assim que entrei e vi ela sentada a mesa com a mão esquerda na bochecha sustentando a cabeça.

Ao ouvir minha voz ela virou-se num salto e olhou para mim com os olhos cheios de lágrimas – Filha... – Disse – você não precisa sacrificar tua juventude desse jeito.

– Calma, mãe! Eu est...

– Não! – Interrompeu-me – Não quero que carregues o peso dessa família toda nas costas. Não é tua responsabilidade.

Eu entendia o que ela dizia e sentia, eu também queria poder aproveitar mais minha adolescência e também minha juventude. Ter amigos, sair para comer no KFC ou no Hungry Lion, uma festa de pijama com as amigas, uma tarde no cinema e tantas outras coisas, mas eu não podia, nada disso era possível, por falta de dinheiro e porque tinha que cuidar dos meus irmãos. Não tinha tempo para ter muitos amigos, não tinha tempo para ser adolescente, para ser jovem e muito menos para ser feliz.

Minha vida e a da minha família era difícil, mas tudo isso ia acabar, estava faltando pouco, algumas horas apenas, talvez alguns dias, mas não mais do que isso.

– Mãe, eu vou receber uma promoção na agência e vou poder ajudar mais aqui em casa, as coisas vão melhorar muito. Finalmente eu vou conseguir ser a modelo das capas de revistas e a cara nos painéis publicitários...

Mamã olhou para mim com lágrimas nos olhos, não era felicidade, era preocupação. O coração de mãe lhe dizia que algo estava mal, não sei como, mas percebi que ela estava preocupada pela pergunta que fez de seguida.

– Isabel – começou por dizer – a que preço você vai receber essa promoção tão repentina?

– Não é repentina, mãe. – Respondi.

Ela não falou, mas as lágrimas descendo pelo caminho que as suas rugas fizeram com se fossem margens de um rio de dor, me diziam claramente que ela temia que as circunstâncias estivessem tomando não só minha adolescência e juventude, mas também minha inocência.

– Eu vou precisar apenas trabalhar mais, mais carga horária, mais desfiles, mais publicidades e com isso, mais dinheiro – falei para acalmá-la – além disso, a mãe já sabe que a dona Helena de Castro é uma senhora muito boa, ela mesma me tirou de onde estava e me levou para a Helena Top Model, de certeza que ela gosta muito de mim e essa promoção é também muito pelo trabalho que até aqui tenho feito – segurei no ombro dela e concluí – eu faria

tudo isso e muito mais por essa família, por você e por tudo que tens feito por nós.

Ela abraçou-me e chorou no meu ombro. Puxa a vida, eu tinha crescido muito, agora eu era um pouco mais alta que ela e não era só por causa dos saltos altos.

Depois que todos estavam dormindo, tirei da pasta a sacola de presentes que recebi da senhora Helena e abri: Um iPhone 6 Plus, na altura era dos melhores, e um envelope com um valor de duzentos e cinquenta mil kwanzas, o que para mim era muito. Daria para fazer muita coisa em casa.

No dia seguinte, acordei cedo e fui à praça, isso depois que a mamã saiu, meus irmãos teriam naquela manhã um matabicho recheado e completo. Pães, ovos, chouriço e salsichas; uma lata de leite, um saco de arroz, caixa de massa e óleo vegetal. Depois que a refeição estava feita e finalmente tinha que sair, disse ao Paulo que metesse o chouriço e as salsichas na arca e a deixasse ligada, e fizesse o mesmo com a televisão e o descodificador.

Eu confesso que não foi fácil pegar no sono depois que meti as mãos naquele dinheiro, não sabia se devia ou não gastar aqueles valores. Acabei fazendo uso dele porque minha mente dizia de forma insistente que se eu fosse me machucar, então tinha que fazer valer a pena. Paguei a conta da energia e da água e também carreguei o cartão do descodificador no pacote máximo. Helena de Castro tinha lançado a isca e eu morde de tal maneira que não dava pra me livrar do anzol.

Cheguei no serviço no dia seguinte, assim que entrei, disseram-me que dona Helena de Castro me aguardava na sua sala e que eu tinha que ir para lá assim que chegasse e eu fui praticamente voando porque estava atrasada e não podia deixá-la esperando. Além disso, provavelmente ela me diria qualquer coisa sobre aquela promoção.

– Entra... – Era a voz dela vindo de dentro do escritório depois de eu ter batido a porta.

– Bom dia, Senhora! – Falei.

– Está atrasada, Helena! – Respondeu com cara de poucos amigos.

Meu coração apertou nesse momento, nunca tinha visto dona Helena tão rude comigo – É que tive que passar...

– Senta-te aí – Interrompeu-me.

Puxei a cadeira e sentei-me, levei a pasta sobre os meus joelhos e apoiei as mãos uma sobre a outra. Meus pés tremiam de tanto nervosismo, e não era pra menos, ontem estava prestes a receber uma promoção e agora ia ser despedida?

– Isabel – Chamou-me.

– Sim, senhora! – Respondi com alguma ansiedade.

– Quantas vezes você já chegou atrasada nesse local? – Perguntou.

– É... É a... É a primeira vez, Senhora! – Respondi com alguma dificuldade na fala.

Ela irritou-se e bateu com a mão direita na sua secretária para o meu espanto, senhora Helena de Castro nunca saía de si, não daquele jeito – Perguntei quantas... – E mergulhou na gargalhada.

Extasiada, fiquei sem saber o que dizer, apenas olhava para ela sorrindo e com o meu coração ainda batendo.

– Vo... Você tinha que ver – Sorria enquanto falava – você tinha que ver tua cara... – Eu continuava sem saber o que dizer, parece que eu tinha sido apanhada numa brincadeira da minha patroa então eu tinha que rir, então fi-lo.

Sorrimos por alguns minutos até que ela se recompôs e tocou no assunto que eu esperava.

– Você vai trabalhar comigo no andar de cima. – Falou finalmente – Eles te querem lá.

“*Eles?*” Era a pergunta que eu tinha na mente e trouxe-a para fora – Eles? – Perguntei.

– Sim! – Respondeu – Os VIPs...

– E quem são eles? – Perguntei.

– São as pessoas que fazem o nosso dinheiro, os nossos melhores clientes. Na verdade, eles pediram que você fosse uma das modelos de elite, por isso um deles enviou o brinde pra você.

Aquelas palavras arrepiaram meu corpo por completo, eu achava que era um presente da dona Helena de Castro, mas não era e eu já tinha feito uso de boa parte daquele dinheiro que não teria como pagar.

– O que terei de fazer agora? – Fiz outra pergunta, tinha milhares na minha cabeça.

– Basicamente você vai continuar sendo uma modelo, mas terá que fazer serviços extras caso alguém entre os VIPs pague por esses serviços – fez uma paragem – Isabel, você é muito linda e se cair na graça de um deles, tudo isso será apenas um detalhe, você poderia ter o mundo todo aos teus pés. Só precisas assinar aqui. – Colocou o contrato sobre a mesa bem diante de mim e com o contrato uma lapiseira.

Fiquei olhando para aqueles papéis sem coragem para segurar na lapiseira. Era a minha vida em jogo, tudo o que eu acreditava, tudo o que aprendi desde pequena, tudo vinha na minha mente e apenas uma assinatura separava o meu presente pobre, de

dor e sofrimento, do meu provável futuro, com o mundo aos meus pés.

– Pensa na tua família, teus irmãos e tua mãe. – Desgraçada! sabia exactamente como mexer com minha cabeça e com o meu emocional – Depois do que deves ter dado a eles hoje de manhã, achas justo que eles voltem a dias de dor por falta do que comer? Eles têm você.

Depois de ouvir aquelas palavras todas, com lágrimas me enchendo os olhos e com as mãos trémulas, peguei a esferográfica e assinei todos os papéis sem mesmo precisar ler tudo. Eu sei que estava me dando como prostituta, existiria algo pior naqueles documentos? Não.

Naquela mesma noite eu tinha que começar a trabalhar, mas antes teria que passar por todo processo de transformação. Estética e outros cuidados, nem deu tempo para trabalhar na agência no período diurno.

Finalmente tinha anoitecido, minha chefe cuidou de mim, fez questão de me vestir e maquilhar, eu estava linda, confesso, nunca tinha estado tão bem preparada em toda minha vida, depois de horas no spa e outros lugares e com tanta produção estava irreconhecível.

Fomos ao evento, o lugar estava irreconhecível, parecia ter uma celebração especial, muito luxo, cheio de pessoas elegantes, homens de várias alturas e tamanhos, vestidos de paletó e alguns de maneira mais descontraída, mas com aquela classe de superestrelas, roupas de marcas mundiais. E as mulheres, quanta classe, vestidos que caríssimos, uns mais lindos que outros.

Aquilo era um verdadeiro casino, nunca na minha vida imaginei-me num lugar assim, nem nos meus melhores sonhos. Era muito luxo para alguém tão simples como eu.

Depois que desfilamos com vários modelos, alguns mais provocadores que outros, uns mais transparentes e outros que me faziam sentir uma daquelas atrizes da HOLLYWOOD, dona Helena levou-me para um quarto enquanto fazia o esquema para minha primeira experiência como prostituta de luxo. Eu estava tão nervosa que Helena pediu para o garçon levar um *drink* duplo para me ajudar a relaxar; estava tão ansiosa que bebi de uma vez, apesar do medo de pensar que estava sendo drogada.

Minutos depois minha chefe veio buscar-me. Para minha surpresa, ela tinha leiloado minha virgindade, sim, fui vendida naquela noite por quem pagaria mais, essa sexta-feira treze, curiosamente, mudou a minha vida drasticamente.

O sortudo era um senhor que respondia pelo nome de Brito de Carvalho, não me esqueço dele, tinha aparentemente quarenta e sete anos, seu tom de pele me recordava o cacau, o seu corte de cabelo era comum com um risco no lado esquerdo da cabeça, olhos fundos e escuros, corpo malhado, não era um monstro, excepto pelo facto de ter comprado a virgindade de uma jovem de vinte e dois, mas também, eu mesma me pus na montra.

Sem demora levou-me para o quarto serviu uma bebida para mim relaxar. Eu não parava de tremer, mas já não dava para voltar com a minha decisão, mesmo que estivesse profunda e amargamente arrependida. Sentei-me na cama, como se estivesse esperando minha sentença de morte pela força.

– Chamo-me Brito. – Falou estendendo-me a mão. Pelo menos era cavalheiro.

– Prazer – Respondi devolvendo o cumprimento.

– Não vais me dizer o seu nome? – Perguntou – Eu não irei te fazer algum mal. – Sentou-se ao meu lado.

Eu estava muito assustada, com lágrimas nos olhos.

– Farei isso pela minha família. – Falei, desviando de qualquer conversa. Não sabia eu que por aceitar essa experiência estava a assinar a minha sentença de morte, suspeitava que seria difícil, mas não sabia o que realmente era.

Transei com o Senhor Brito, ele sobre mim e dentro de mim, gemendo de prazer e alegria, enquanto eu gemia de dor e tristeza, seu suor sobre mim, seu sangue com o meu, seu esperma escorrendo algures no meu corpo, sua alma agarrando a minha, um casamento arranjado. Perdi a minha virgindade foi doloroso, chorei tanto por dentro e por fora, enquanto ele desfrutava do meu corpo com tanto prazer, eu só queria que aquela tortura terminasse.

Quando tudo aquilo acabou, quase uma hora depois, abracei os travesseiros e chorei em baixo dos lençóis brancos manchados com o sangue que sinalizava que estava consumado o acto. Ele, por outro lado estava agarrado a mais uma taça de vinho, vestiu-se e saiu. Parecia que finalmente tinha tudo acabado, mas não, ele não pagou por uma transa, mas para que eu fosse companheira dele a noite toda.

Depois de tudo, já no restaurante do casino, eu estava sentada ao lado dele e outros convidados numa mesa, dona Helena e Nádia

também estavam aí, não conseguia parar de pensar em tudo que tinha acontecido, mas ele interrompeu meus pensamentos.

– Você aceita ir comigo para Milão? – Convidou-me, nem acreditei, parecia que aquilo nunca mais acabaria. Dona Helena surpreendeu-me com o grito eufórico, parecia até que o convite tinha sido feito para ela. Era um convite muito tentador, mudaria a minha vida.

– Mas e a minha família? – Perguntei, mas dentro de mim eu sabia “*não posso perder essa oportunidade*”.

– Vai, aceita. – Dizia dona Helena – você só sai a ganhar com isso – Isabel.

– Tu és a minha calumba seleta cantada por Bangão, uma ninfa cristalina, jóia rara. Mulher tu és linda Isabel – disse o Senhor Brito com o olhar penetrante sobre mim, parecia querer me comer novamente, mas desta vez com os olhos.

Deixei-me levar pelo ambiente e aceitei o convite. Afinal, já estava mesmo na chuva, o que me impediria de me molhar?

Naquela noite, a minha primeira e única como modelo daquele lugar, Brito deu-me um adiantamento do que ele me daria se eu fosse com ele para Milão, fui para casa por volta das quatro da manhã com um motorista que ele mesmo colocou a minha disposição.

Eu tinha aproximadamente um mês para ajeitar as coisas antes de partir com o Brito, durante esse tempo eu saía com ele, o acompanhava nas actividades da sua correctora imobiliária e outros eventos, ele prometeu fazer de mim uma modelo mundialmente

conhecida assim que chegássemos em Milão, por isso não o larguei apesar de tudo.

Comecei a tratar dos problemas que assolavam minha família, supri as necessidades que por anos foram nosso carrasco, os meus irmãos voltariam à escola, minha mãe voltou finalmente a sorrir: – Até que em fim Deus se lembrou de nós! – dizia Minha mãe, não sabia ela que quem deu aquele dinheiro era o próprio diabo.

Alguns dias depois, fui à agência e deparei-me com o Sr. Carvalho na sala de reunião, confesso que apesar de tudo, era horrível a sensação de encontrar-me com ele, lá estava também a Solange, a secretária da agência, mas ele pediu que ela saísse pois queria ficar a sós comigo.

– Isabel, menina dos olhos lindos, acompanha-me! – dizia ele e fomos mais uma vez para aquele quarto, lá em cima só estavam os funcionários, mas o quarto já tinha sido preparado.

– Precisamos deixar algumas coisas claras antes de partirmos – Disse com aquele olhar penetrante enquanto desabotoava a camisa e tirava o cinto da calça, aproximando-se de mim...

– Não achas que vais para Milão pelo teu esforço ou pelas tuas fotos lindas - Acrescentou, aff! Como se eu já não soubesse – já agora, parabéns pelo teu recente ensaio fotográfico! As fotos estão maravilhosas... – Acariciou meu rosto e segurou-me no queixo, fazendo com que nossos olhos se cruzassem.

– Tu vais para Milão porque me serves como mulher, como amante, como a minha puta de luxo, percebes? – essas foram as palavras dele, de repente parecia ser outra pessoa. Agarrou-me

forte e transamos, mas dessa vez já não doía, só se parte o ovo uma vez. Dei-lhe prazer, o suficiente para dessa vez ser ele o último a se levantar. Naquele dia aprendi uma lição: A vida dos artistas é um jogo onde vence quem pode e se ferra quem é pobre.

Quando finalmente chegou o dia para a minha viagem, minha família já estava muito diferente. Paulo e André agora estavam até mais gordinhos (risos), Sofia parecia mais uma princesa e a dona Amélia Barona, minha mãe, não parava de chorar enquanto eu arrumava a mala.

Eu já tinha pago a conta de luz e a de água para os próximos seis meses, mas, de qualquer jeito, eu enviaria alguns valores mensalmente para apoiar em casa. Tínhamos combinado que a mamã já não trabalharia mais, era tempo de descansar e usufruir do seu maior investimento, eu. Além disso, eles se mudariam assim que a nova casa acabasse de ser remodelada, não precisariam mais viver ali.

O motorista, lá fora, buzinou pela terceira vez, então era hora de partir. Não podia perder aquele avião, mesmo que quisesse. Era chegada a hora da viagem para Milão, mamã abençoou-me com um beijo na testa e em lágrimas nos despedimos.

Chegamos em Milão horas depois, a cidade era linda, as pessoas, o clima e o ambiente, era tudo muito lindo e quase perfeito, mas mal sabia eu o que me esperava, porque assim que chegamos lá, Brito de Carvalho mudou muito e a minha vida se tornou um inferno.

Nos dirigimos para um dos apartamentos do Brito no centro da cidade para descansarmos daquela viagem super cansativa. Depois saímos e ele me levou para conhecer um pessoal. Naquele mesmo dia descobri que tinha escapado da casa de prostituição da Helena de Castro, mas agora tinha entrado em um lugar pior.

Fomos para um lugar, parecia uma agência de modelos, era simples, mas muito bonito e com um bom aspecto. Na prova de roupas chegou ele, o rei da moda lá em Milão. Bastos Francione, olhou para mim e disse: – Gostei de você – e sorriu ironicamente. Depois da prova de roupa levou-me para sua sala.

– Tira a roupa. – Ordenou Francione.

– Mas, senhor... – Tentei resistir.

– Cala-te! – gritou – melhor, fica parada e deixa que eu tiro a roupa pra você – disse ele com o pênis todo duro que de tão excitado marcou na calça, rasgou o meu vestido tirou a minha calcinha com os dentes. Naquele momento percebi mais uma coisa: Não importava o número de vezes que o Brito desgraçado abusasse de mim, se chegasse um cara novo, a experiência seria pior ou igualmente má como a primeira. introduziu dois dedos, o anelar e o médio no meu fruto proibido, virou-me e disse: – Sabes ficar de quatro? – enquanto isso, tirava a sua roupa e para cavalgar sobre mim.

De tanta dor não conseguia gritar só gemia que nem uma cabra. Apertou com tanta força meus seios que quase saia leite, leite que eu nem tinha, lambeu meu corpo todo parecia, um cão faminto e eu uma cadela no cio.

Essa tortura durou quase o dia todo.

Quando se cansou, mandou um dos seus funcionários levar-me para o hotel onde eu ficaria para descansar, e mais uma vez chorei amargamente, mas dessa vez debaixo do chuveiro, em Milão.

Para recompensar Francione mandou-me parte do pagamento, foi isso que percebi ao ler o papel que veio com o dinheiro. “*O resto está com o Brito, como combinado.*” Ao que parece, eu ainda estava sendo dada a quem pagava mais, só que em Itália.

Peguei nos valores e reparti com minha família e foi sempre assim. Do meu suor e dos meus gemidos ajudei minha família, comida na mesa já não faltava, já não existia aquela preocupação de rezar para não chover porque a casa já estava em condições para receber a chuva.

Aceitei os limões que a vida tinha me dado, fiz limonadas e estava disposta a beber tudo, até a última gota. Sim, aceitei minha condição de prostituta e decidi fazer valer a pena.

Mas nem tudo em Milão/Itália foi dor e tristeza, conheci alguns dos muitos pontos turísticos daquela cidade, como o Duomo que é o símbolo atemporal de Milão: solene, elegante e sublime. Começou a ser construído em mil trezentos e oitenta e seis e levou quase cinco séculos para ser finalizado. Imagine, as pessoas que começaram com aquela construção nem se quer viram a metade de como aquilo acabou por ficar, gerações e gerações de pedreiros e arquitetos. Um verdadeiro monumento.

A catedral do Duomo é imensa, tem cento e cinquenta e sete metros de comprimento e cento e nove metros de largura. É a sexta maior igreja Cristiana do mundo. Pena que eu e Deus tínhamos decidido seguir rumos diferentes.

Apesar de tantas coisas belas, o lugar que mais amei e visitei foi o Quadrilátero da Moda, ia pra lá sempre que pudesse escapar.

Milão é a capital da moda italiana e internacional e também é sede da alta costura *prêt-à-porter*. Os grandes nomes da moda sempre estiveram concentrados no luxuoso quadrilátero da moda, delimitado pelas ruas Monte Napoleone, Alessandro Manzoni, della Spiga e Venezia.

Passear pelo quadrilátero da moda era terapêutico para mim, estar lá é respirar a atmosfera mágica de Milão entre as luzes das lojas, a elegância das ruas, as vitrines coloridas, o charme das perfumarias e confeitarias, circundado das melhores marcas do mundo como Cartier, Jeager Le-Coultre, Valentino, Gucci, Prada, Fendi, Louis Vuitton, Armani, Chanel, Dolce & Gabbana, Versace, Mochino, Kenzo, entre muitas outras, faltar-me-ia tempo e fôlego para mencioná-las todas, o facto é que nunca me sentia tão modelo como quando passava por aquelas ruas cujo chão parecia para mim com um tapete vermelho que se estendia para onde quer que fosse.

Depois de Milão fui para outros países: Portugal, Espanha, Alemanha, Bélgica e por fim Paris/França. Trabalhava e estudava no período nocturno, era difícil conciliar os desfiles e outros trabalhos com a faculdade, no final eu acabei conseguindo, tornei-me uma das mulheres mais elegantes da Itália, mas ainda estava por vir muita coisa ruim.

Fui à Paris, para o MODA PARIS, um grande evento de moda que há tempos almejava participar, seria um passo muito importante na minha carreira caso conseguisse estar lá e desfilar. O plano era simples, chegar e dominar. Roubar toda atenção do público para mim e, se possível, despertar inveja no coração das outras mulheres, era um sentimento que com o tempo tinha se tornado saboroso.

Sr. Brito de Carvalho, que tinha se transformado no meu empresário, foi pegar-me no aeroporto de Paris e levou-me para um hotel, o Hotel de L'Esperance onde estaria hospedada nos próximos dias. As condições do hotel também eram top. Daria para ser preparada lá.

O Hotel L'Esperance está situado a dois minutos a pé da animada Rue Mouffetard, em Paris, disponibilizando um pátio interior, com acesso a Wi-Fi gratuito em toda a propriedade. Chegamos por volta das vinte e três horas, mas isso não era um problema, o atendimento era vinte e quatro horas, também tinha disponíveis máquinas de venda automática com *snacks* e bebidas. Um verdadeiro luxo, a classificação do mesmo é de nove vírgula dois numa escala de zero a dez.

Depois que passamos pela recepção e recebemos as chaves, dirigimo-nos para o quarto, sim, partilharíamos o quarto, não havia mais segredo entre nós, já conhecíamos a nudez um do outro, o que teríamos mais a esconder?

No corredor deu uma leve chapada no meu bumbum, como se de um batuque se tratasse e sussurrou no meu ouvido: – safada gostosa...

Mal entramos no quarto, nem tive tempo de observar a arrumação e decoração do mesmo, Brito partiu para cima de mim, agarrou-me pela cintura, acariciando meu corpo, confesso que ele sabia como me tocar, às vezes ele fazia música com meu corpo de viola e depois de algum tempo eu aprendi a dançar aquele ritmo de prazer, ternura e repulsa a mistura. Jogou-me na cama descalçou os meus sapatos, se desfez dos meus acessórios um por um, minhas roupas, e prendeu meu cabelo.

– Tu és minha, Isabel Barona! – dizia louco de tesão por mim. A diferença é que agora eu não era só uma boneca passiva. Eu tinha pegado o jeito pela coisa, brincava com aquele pau negro, fazia ele minha comida quando mandava para o fundo da minha garganta e depois trepava feito louca sobre ele até que já nenhum de nós tivesse qualquer força. Ele tinha se tornado meu par predilecto para aquilo. Foram tantas remadas naquele dia, um round após o outro, tanto que não conseguimos sair para jantar.

De tanto fazer sexo passei a sentir-me bem mais rodada, tornei-me uma puta como eles queriam, qualquer coisa era suficiente para deixar-me excitada: Uma voz sussurrando no meu ouvido, uma mão no meu ombro, alguém me olhando fixamente, até mesmo o barulho do carro excitava-me.

Chegou finalmente o dia tão esperado, o maior evento de todos que já tinha participado, o MODA PARIS. O salão era incrivelmente grande e belo, cheio de pessoas influentes. Desde estilistas, modelos, artistas de outras artes vindas de vários pontos do mundo para ver aquele show de moda. Era oportunidade perfeita, perdê-la estava fora de questão, mas a minha participação tinha que ser notória, ainda mais porque eu estava me preparando para aquilo há um ano, isso desde a edição passada, onde não pude participar.

Quando chegou minha vez, todos holofotes e olhos estavam sobre mim. Eram flashes de todos os cantos da sala. Corpo recto, cabeça erguida e pés firmes sobre saltos altos, desfilei como nunca. Brilhei na passarela e despertei o desejo de muitos homens e inveja de muitas mulheres que se encontravam naquele lugar. Provavelmente não paravam de se questionar: “quem é essa?” e se eu pudesse respondê-las, diria: “Sou Isabel Barona, dona da passarela!”

No momento do *cocktail* fui levada para uma área restrita onde os bosses se encontravam, além de mim, estavam outras mulheres lindas, sua maioria eram moças que vinham de um passado miserável como o eu, via-se pela forma como ficavam encantadas com as coisas que tinham alcançado por abrir as pernas para homens sem escrúpulos como Brito de Carvalho, Francione e tantos outros.

De seguida fui apresentada a ele, o grande Patience Barreto, pronuncia-se Pacione mesmo. Era um dos responsáveis por aquela actividade anual, o MODA PARIS.

– Segue-me, Barona! – Gostava quando me chamavam pelo sobrenome, também isso me excitava. Enquanto íamos para a sua suíte de luxo, eu já sabia o que viria daí, mais transa, mais putaria, mas “*foda-se*” agora eu já estava acostumada com aquela vida de merda, entre o sucesso e a merda, entre os palcos e as camas, entre os microfones e os paus daqueles que mandavam. O mundo da moda sempre foi escuro, uma autêntica merda.

Entramos na suíte e pela minha surpresa encontrei a Nádía, minha colega de profissão, fazia anos que não a via, desde que deixei Angola. Ela estava muito diferente, praticamente irreconhecível, afinal também tinha ido tentar a sorte lá em Paris e não é que a menina deu-se bem? Nádía era já reconhecida mundialmente, mas não me surpreendeu tanto, ela sempre foi atirada mesmo.

Além da Nádía, estavam naquele quarto, quatro senhores bem distintos, ricos e charmosos, um era, inclusive, o presidente da firma dos taxistas lá de Paris. Foi uma noite de loucos, com muita dança, amassos, drogas, era tanto fumo no ar que perdemos a noção do tempo e das coisas, transamos feito selvagens, dois homens para cada uma, éramos seis, sem preconceitos, sem prevenção, foi a noite toda até quase o meio dia seguinte. Fomos bem recompensadas por isso.

Desde aquela noite a droga e o álcool fizeram parte da minha vida, fiquei viciada só queria saber de festas, drogas, sexo, álcool e muito dinheiro. Os anos se passaram, eu era agora a grande Isabel Barona, uma top model reconhecida internacionalmente.

No meu aniversário de 26 anos, com os preparativos para uma grande festa, passei mal e fui levada para uma clínica.

– Deve ser do cansaço, por ter perdido várias noites. - Dizia para a Nádía que me acompanhou à clínica. Eu e ela agora éramos mais do que amigas.

– Estás muito pálida! – Respondeu a Nádía que parecia estar mais preocupada que eu.

O médico orientou que fizéssemos uma pilha de exames que eu recusei, não tinha muito tempo para perder, mas ele e a Nádía convenceram-me que seria melhor para termos resultados mais concretos e com as novas tecnologias os exames ficaram prontos antes do mesmo dia.

Três horas depois o Doutor voltou com os resultados dentro de um envelope branco que estava selado. Estávamos sentadas na sala de espera comendo gelados. Assim que o vimos, Nádía e eu, nos pusemos em pé e viramos para ele, ansiosas e com algum nervosismo à mistura.

– Venham para a minha sala, por favor! – Disse.

– Mas... – Reclamou a Nádía, entretanto, o doutor ia caminhando, não parecia ter ouvido patavina – Que merda vem a ser essa? – Perguntou-me.

– Calma, Nady! – Era assim que eu a chamava para provocá-la.

Ela estava irritada e com alguma razão: – Porra! Já esperamos tanto, custava dizer de uma vez?

– Merda! – Aquela indagação da Nádía me fez perceber que aquela reacção quase incomum poderia significar que algo se passava comigo e parecia ser grave.

Seguimos o doutor e sentamo-nos diante dele, ambas com cara de poucos amigos, apenas uma, a que estava connosco ali. Eu para ela e ela para mim.

– Senhora Isabel Barone, o que vou falar pod...

– Fale de uma vez, porra! – gritei – Eu estou grávida? – Fiz uma pausa e acresci – Eu não quero esse filho, pode tirar – Lágrimas começaram a descer-me dos olhos para irrigar minha pele seca.

Não sei se existe uma sensação pior que esta. Perder uma corrida na última volta, a dez passos da meta. Essa foi a sensação de ter jogado fora a minha maior oportunidade. Para uma modelo a pior coisa que pode acontecer é uma gravidez em tempo de ascensão, ainda mais quando não é planejada. Creio que para uma modelo nunca é bom tempo para engravidar.

Nádia segurou-me forte na mão direita para que eu me acalmasse.

– Respira, amiga! – Agora era ela quem estava calma – deixa o doutor César falar. – O nome estava no seu crachá.

– Infelizmente a senhora não está grávida. – Falou como se fosse uma notícia triste. Saltei da cadeira e quase que dei um grito de euforia. Era a melhor coisa que poderia ouvir naquele momento. Nádia festejou comigo num abraço.

O doutor olhava fixamente para nós, esperando que nos acalmássemos.

– E o que ela tem doutor? – Nádia perguntou.

– Sente-se! – Pediu. – A senhora está contaminada com o Vírus de Imunodeficiência Humana do tipo dois ou simplesmente VIH-2 e conseqüentemente os sinais e sintomas de deficiência do sistema imunitário começam a tornar-se mais visíveis, deixando seu organismo com menos capacidade de resposta ao longo da evolução da doença. O que quer dizer que a senhora está com o Síndrome de Imunodeficiência Adquirida também, ou como é conhecido, SIDA.

Neste momento, eu já estava mergulhada em lágrimas e sem forças para falar qualquer coisa. Nádia tentava, mas eu estava inconsolável.

– Isso explica as dores de cabeça constantes, o cansaço e as febres. – Conclui.

Eu sempre confundi aqueles sintomas com os efeitos da minha correria diária, com as saídas e curtidas nocturnas. Agora pergunta na minha cabeça era: “*como eu tinha pegado aquilo?*”

– E o que faço agora, doutor? – perguntei desesperada – Eu vou morrer?

– Calma! – Respondeu – O vírus no teu corpo ainda não está num estado avançado, é claro que não podemos erradicá-lo, mas podemos tratar com base em medicamentos. É um processo chato e esgotante, mas se bem acompanhado você poderá ter uma vida tecnicamente normal.

– E esses medicamentos têm efeitos secundários? – Era a Nádia perguntando – Quer dizer, se vamos fazer esse tratamento temos que saber tudo a respeito.

– Sim... – Disse o doutor – Os medicamentos para tratar a infecção do HIV e outros medicamentos podem causar efeitos secundários, mas nós temos aqui equipamentos capacitados para mostrar o quadro geral da doença no organismo e assim sabermos como contra-atacar e que medicamentos usar. – Fez uma pausa – Os riscos são de cinco por cento numa escala de zero a cem, mas só se a senhora cumprir a medicação ao pé dá letra.

Mergulhei mais uma vez em choros, uma vida dependente de uma pilha de remédios não era bem o que eu tinha planejado para mim.

– Tens que ser forte, tu és muito jovem, se fizeres a medicação correctamente e te cuidares, viverás ainda muitos anos. – dizia o médico a tentar me acalmar, mal sabia ele que essas palavras ao invés de consolar-me deixava-me mais nervosa.

– Calma, Isabel! – disse a Nádía com as mãos sobre os meus ombros para tentar me acalmar. Gritei de desespero, já não pude me conter, vi a minha vida a passar pelos meus olhos, não me contive mais e comecei a Chorar. Eu não conseguia acreditar.

– Eu não aceito essa doença, eu exijo um novo teste. Esse deve estar errado.

Nádía olhava pra mim com o olhar sereno e triste sem saber o que fazer.

– Será que também estou infectada? – questionou ao médico.

O médico não sabia o que aquilo queria dizer, provavelmente pensou que éramos lésbicas, mas respondeu calmamente – Para teres a certeza tens que fazer o teste.

– Não! – Respondeu – Outro dia eu venho fazer. – O ar de preocupação na expressão da Nádia era visível.

– Vamos pra casa. – Disse para mim, mas eu ainda tinha uma pergunta a fazer.

– Há quanto tempo estou infectada doutor?

– Esses exames não revelam isso, mas pelo estado do vírus em você, eu diria que já se passaram alguns meses. – Olhou para os seus papéis e disse – Mais de dois meses.

Saí da clínica desesperada, sem norte nem sul, chorei e lamentei muito.

– Ninguém pode saber. – Disse Nádia, como se eu fosse sair por aí contanto as pessoas uma coisa dessas.

– Por favor, guarde segredo! Isso não é um prêmio Nobel da moda.

– Sim, Barona! não se preocupa. – Respondeu.

Cheguei no hotel e pedi um quarto particular, não tinha condições para aturar o Brito. Entrei no meu quarto, perdida em meus pensamentos.

“Vou devolver essa doença a todos os homens que cruzarem o meu caminho; me vingarei do mundo! Isso não pode e não vai ficar assim.” Eu estava frustrada.

Então... depois de batalhar tanto para ter tudo de bom e do melhor, é desse jeito que a vida me paga...?

Eu já tinha esquecido do meu aniversário, não estava mais com cabeça, mas fui avisada que os convidados começavam a chegar. Levantei e fui para o quarto onde estava com Brito, a festa seria no salão de festas do hotel, no andar de cima. O meu pessoal já tinha tratado de quase tudo. A arrumação, decoração, comidas e bebidas, tudo pronto, faltaria apenas a música. O DJ chegaria atrasado, mas já tínhamos uma banda de três elementos para entreter os convidados.

Enquanto me arrumava com muita calma, ouvi a voz da Nádia entrando.

– Barona, cheguei. Cadê você, mulher? – Perguntou Nádia aos gritos.

– Entra, a porta está aberta. – Respondi.

Ela estava linda, com aquele vestido azul exuberante que ia até ao chão, com um corte que subia até a coxa, um pouco acima do joelho. Um decote bem feito e um colar com esmeraldas verdes que combinavam com os brincos.

Quem também estava maravilhosa era eu. Apesar do meu estado de espírito não poupei em nada na minha preparação, pelo contrário exagerei em tudo. Vestido vermelho super sedutor que combinei com o meu conjunto de rubis vermelhos no pescoço e argolas grandes decoradas com pérolas brancas e o perfume exalando daquele jeito, bem como os homens gostam.

Subimos para a festa. Sr. Carvalho estava acompanhando da modelo Pitra e um jovem desconhecido por mim.

“Bonito demais” falei dentro de mim. Queria aquele homem para mim, mas para minha surpresa o jovem é namorado da Pitra. Carvalho apresentou-nos, o jovem bonito chamava-se Carlos. Teria que seduzir-lhe e para isso, os meus olhos são as minhas melhores armas, eu não parava de olhar para ele e eu estava a ser correspondida, no fundo, nós mulheres sabemos quando um homem está interessado em nós.

Nádia percebeu que eu queria o Carlos. Então, num movimento de mestra, distraiu a Pitra levando-a num bate-papo furado sobre os próximos eventos e de coisas parecidas, depois só ficaram mesmo falando mal das outras modelos que estavam na festa. Falavam de como muitas estavam mal vestidas, dos vestidos e colares emprestados e de como muitas delas tinham chegado ali com o poder dos peitos duros e do que carregam entre as pernas, como se o caso delas fosse muito diferente, enfim, só papo furado mesmo, do jeito que a mulher, por natureza, gosta, neste caso, senhoras e senhores, apresento-vos a fofoca do mais alto nível, talvez devamos chamar a isso fofoca clássica, tudo porque é feito não pelas meninas dos subúrbios com pés descalços e roupa furada, mas por ser praticada entre estrelas, gente que não conhece o caveneno, com uma taça de vinho ou champanhe e vestidos que valem milhões.

Enquanto isso, do outro lado, eu aproximei-me do Carlos para um contacto mais próximo, demorado e provocador.

– O que vai querer? – Perguntei enquanto lhe estendia as duas mãos – whisky ou champanhe? – Já o tinha analisado, era noventa e sete por cento de certeza de que ele escolheria o champanhe. A julgar pelo seu semblante que espelhava a paz de um monge

samurai e pelo seu cabelo penteado, sem que algum fiozinho estivesse fora do lugar e a julgar também pelo seu olhar apavorado gritando que não pertencia àquele lugar, sim, certamente escolheria o champanhe no lugar do whisky, por isso já havia metido droga no seu copo, agora era só torcer para que ele o pegasse.

Carlos olhou para mim como se pudesse ler meus pensamentos ou como se seus olhos pudessem penetrar o mais profundo de mim, transpassando as minhas roupas e ver minha alma despida, minha aura, minhas intenções, e assim ficou por uns segundos até que estendeu a mão directa e pegou o com de champanhe. – Obrigado! – Agradeceu – Já começava a ficar com a garganta seca.

– Não precisa se preocupar mais. – Falei – Como anfitriã, é meu dever amparar todos e deixá-los confortáveis. – Parei com o meu discurso para assistir ele bebendo com vontade toda droga que eu havia posto no copo de champanhe, parecia estar realmente com muita sede – Devo pedir mais champanhe? – Perguntei.

– Sim, por favor! – Disse já sobre o efeito da droga.

– O senhor está bem? – Perguntei. Parecia tonto.

– Não, não estou. Preciso me assentar, você me ajuda?

Claro, eu não queria matá-lo, por isso levei-o para o meu quarto sem que o pessoal percebesse, apenas sumimos e só a Nádía estava a par de tudo. Não era uma droga que eu desconhecesse, simplesmente, iria acelerar o processo de embriaguez de quem bebesse aquilo, tecnicamente se a pessoa no estado normal precisasse beber dez copos de whisky para que embriagasse, agora

um copo seria suficiente, isso de acordo com a quantidade de droga que a pessoa fosse colocar.

Nos primeiros momentos após a ingestão da droga no álcool, podem aparecer os efeitos estimulantes como euforia, desinibição e loquacidade (maior facilidade para falar), e isso era o que eu queria dele, com o passar do tempo, começam a aparecer os efeitos depressores como falta de coordenação motora, descontrole e sono. Quando o consumo é muito exagerado, o efeito depressor fica exacerbado, podendo até mesmo provocar o estado de coma, mas esse não era o caso, eu sabia o que estava a fazer.

Normalmente os efeitos da droga no álcool variam de intensidade de acordo com as características pessoais. Por exemplo, uma pessoa acostumada a consumir bebidas alcoólicas sentirá os efeitos do álcool com menor intensidade, quando comparada com uma outra pessoa que não está acostumada a beber. Um outro exemplo está relacionado a estrutura física; uma pessoa com uma estrutura física de grande porte terá uma maior resistência aos efeitos do álcool e este último caso era igual ao do Carlos.

No mundo em que eu estava mergulhado aprendi várias lições e uma delas foi mesmo virada ao álcool e na forma como o mesmo pode escravizar uma pessoa, não falo ainda do veneno ou droga posto no copo, mas do álcool em si, pois muitas das minhas loucuras foram cometidas em momentos de embriaguez, foi assim que contrái essa maldita doença sem saber de quem peguei. Normalmente eu costumava ser mais esperta, mas só quando não estava perto do whisky, vinho ou vodca e outras drogas.

O consumo de bebidas alcoólicas também pode desencadear alguns efeitos desagradáveis, como enrubescimento da face, dor de

cabeça e um mal-estar geral. Esses efeitos são mais intensos para algumas pessoas cujo organismo tem dificuldade de metabolizar o álcool.

Mas, que seja, aquela era a minha oportunidade de tê-lo, nem que fosse só por alguns instantes antes que ele se transformasse num ser sonâmbulo por força da droga. O homem ficou louco e assanhado tal como gosto, foi arrastado por mim, parecia uma criança pela forma como só me obedecia.

Naquele dia começou a minha vingança contra todos que faziam parte daquele sistema, o Carlos era só um feto diante do que eu estava perspectivando fazer. Algures na minha consciência estava o sentimento de culpa, mas não estava num sítio da minha memória onde eu pudesse facilmente acessar. Só me vinha à cabeça o desejo de dar o troco a cada um.

Não conseguia ver a quantidade de moças que assim como eu entrariam naquela linhagem traumática de muita dor e sofrimento, com algum remorso a mistura, as famílias que seriam destruídas, os filhos que nasceriam com a vida e saúde condicionadas e o pior é que muitos deles carregariam aquela maldição sem sequer saber que a carregam. Talvez não enxergava isso, talvez simplesmente não estivesse importada em fazer alguma coisa para acabar com aquilo.

Depois que me satisfiz usando aquele homem, quer dizer, usando o que ele carregava com instrumento entre as pernas, algo que era novo para mim, ser eu a dominar alguém, o que também não foi muito difícil, ele dormiu como se tivesse morrido, já não tinha forças nenhuma. Os efeitos daquela droga só passariam

depois de algumas boas horas de sono, seguidas de um bom banho e uma boa sopa.

Arrastei o seu corpo até ao corredor e deixei-o lá estendido. Voltei para festa como nada tivesse acontecido. Pitra ainda não tinha notado a ausência do Carlos, e se já, provavelmente tinha se esquecido. Estava mergulhada no álcool, era mais uma vítima naquela noite diabólica, mas pelo andar da carruagem, ela também seria arrastada por alguém, o Sr. Carvalho. Uma noite de traições, certamente ao amanhecer ninguém teria coragem de abordar ninguém por uma provável e suposta traição. Talvez por incerteza, talvez por terem todos as suas consciências pesando toneladas.

A noite ainda era uma criança e eu estava bem disposta e também bem drogada e com muita vontade de transar. Na verdade era mesmo vontade de contaminar e destruir vidas. Esperei calma assistindo a festa e na primeira oportunidade peguei o Sr. Carvalho de jeito, era graças a ele que eu tinha entrado de cabeça nessa merda, precisava lhe contaminar também, se é que ainda não estava contaminado.

No fundo, o que eu queria com ele também, era usá-lo como ferramenta para propagação do vírus, eu passaria pra ele, para que ele pudesse contaminar outras mulheres.

Carlos se recuperou algumas horas depois ao contrário do que eu pensava, talvez pela pouca quantidade de droga que eu havia metido. Estava confuso e assustado, perguntava-se como tinha ido parar no corredor como um bêbado qualquer. Pitra o encontrou e ajudou a se recompor e juntos foram embora.

Depois daquilo, já não houve muito de especial e passados algumas horinhas, a festa terminou. Não poderíamos ocupar o hotel a noite toda, ainda mais com uma festa de virada de um dia para o outro, os hospedes precisavam ter algum tempo de paz.

Depois daquele dia a minha vida só foi se afundando mais. Eu me perdi, perdi a vontade de viver, a doença começou a fazer efeito, não me cuidei. Nunca tive paciência para seguir a medicação ao pé dá letra.

Nádia, coitada vivia atormentada só de pensar que pode estar infectada com os vírus do HIV SIDA. Ela não aguentou fazer o teste, não conseguia imaginar a sua vida com a certeza de uma doença como aquela. Dizia sempre que preferia viver como se nada tivesse acontecido, aquela dúvida dava-lhe um grau de esperança, então se tivesse que morrer, não seria por tantos comprimidos, não com uma vida com sabor amargo.

Mesmo sem fazer o teste, Nádia ficou depressiva. No estado avançado da sua depressão já não saía, não comia, passou a viver quieta num canto, já não aceitava trabalhar, tinha vergonha da sua aparência, dizia que já era o tempo de parar com aquela farsa de sorrir nas passarelas enquanto a alma está há dias chorando e se contorcendo de dor.

– Estou magra e acabada. O vírus da SIDA acabou comigo. Já não tenho beleza nem alegria pra fazer alguma coisa qualquer. – Dizia.

Alguns dias depois Nádia tirou a própria vida, não aguentou a barra, preferiu não lutar contra o vírus, foi ao encontro do seu destino.

O corpo dela foi encontrado em casa jogado no chão do quarto sobre uma possa de comprimidos no chão e outros ainda na boca. Já começava a espumar pela boca, sua pele estava pálida a

sua beleza, fama e todo o dinheiro que tinha ganhado em vida deixou para trás.

Eu senti a dor da minha amiga por isso não poderia deixar as coisas nesse ritmo para não ser a próxima a se suicidar, o que não estava longe de acontecer a seguir por aquele caminho.

Nádia não tinha familiares por lá, o seu funeral foi calmo apesar de estar cheio de gente. Mas muitos do que estavam lá eram gente estranha, pessoas que talvez não a conheciam. Fãs e os ditos amigos e mais quem? O trabalho de modelo pode às vezes ser muito solitário, a família da Nádia havia lhe abandonado, o princípio religioso daquela família não aceitava uma filha que fosse ser modelo, ainda mais uma modelo como a Nádia, alguém que não poupou esforços, antes lutou para o ser a qualquer custo.

Aquilo me fez reflectir um pouco mais na minha vida, olhar para o meu passado e tentar entender como tinha chegado até aquele presente de dor e sofrimento. Também parei para pensar no que eu queria para o meu futuro, sabia apenas que não queria acabar sozinha.

Tempos depois fui convidada para ir a Portugal para um evento e sem medir esforços aceitei e fui para lá.

Fui recebida muito bem a partir do aeroporto a equipa da produção do evento veio me pegar. Rosa, uma das pessoas encarregadas por fazer-me chegar ao local, levou-me para o hotel onde pareceu que tivemos uma conexão divina enquanto lá ficamos. Parecia que já nos tivéssemos conhecido há muito tempo.

Ela se abriu para mim, contou-me um pouco da sua vida.

– Sou cantora – Começou por dizer – Para chegar onde estou comi o pão que o diabo amassou, já fui dada de bandeja para muitos homens, a minha última aventura foi transar com quatro homens ao mesmo tempo, fui tão mal tratada, humilhada e agora, às consequências dos meus actos trouxe grandes danos na minha vida, um deles perfurou o meu útero e hoje em dia não posso fazer filhos.

Eu estava apenas olhando tentando perceber onde aquilo ia parar e ela prosseguia.

– Para que serve ter uma vida de luxo se não posso desfrutar com quem amo? Minha família deu-me as costas quando souberam da vida suja que levava. – A esta altura as lágrimas nos olhos dela já começavam a cair. Aquelas palavras acendiam a chama da vingança dentro de mim.

Eu senti as lágrimas subindo para os meus olhos, não tardaria até começarem a cair, mas no momento não poderia enfraquecer porque precisava terminar a minha vingança contra todos os homens.

Chegou o momento do evento, Sr. Carvalho aparece de surpresa e leva-me até a sala VIP. Postos lá, os olhares de sedução foram a minha atracção, fiquei com dois homens selvagens viciados em filmes pornográficos, e, mesmo negando, experimentaram comigo tudo que eles viam nos filmes, cada fantasia erótica dolorosa, fui queimada nos seios com cigarro por eles, fui amarrada, torturada, sem dúvida essa foi a pior noite da minha vida.

– Barona, você é uma ótima amante – Disse um dos homens. E eu, por outro lado, estava tão cansada e debilitada não conseguia me mexer.

Peguei o dinheiro que eles pagaram, voltei para o hotel com a Rosa, pensei que ela sentiu a mesma conexão que eu, porém estava completamente enganada, me droguei, bebi demais no hotel e a Rosa aproveitou para me roubar todo dinheiro e fugir do hotel.

Na manhã seguinte, quando me recuperei, procurei a Rosa como louca, mas sem sucesso, os dias que passei em Portugal depois do evento os gastos foram por minha conta, passei a me drogar e a beber mais do que o costume perdi todo dinheiro que tinha, vendi os meus bens, tudo por causa da droga, até os malucos riam-se de mim. Passei a morar na rua, não tinha paradeiro, com a rapidez que subi no mundo da fama foi a mesma com que caí, meu sucesso foi caro, mas curto. O tombo foi tão forte que fui deportada para Angola.

Queria tanto me vingar, mas parece que a vida se vingou de mim, queria gritar, voltar no tempo, minha família não me reconhece, estou sem rumo e sem direção.

Quando cheguei em Angola virei piada de muita gente, era motivo de risos e insultos, mas havia algo positivo, meus irmãos tinham crescido e já conseguiam sustentar-se e sustentar a casa.

A esta altura, minha mãe já sabia do percurso da minha vida até chegar onde estava. Eu não tinha chegado onde ela queria me ver. Tinha sido uma grande decepção para ela e isso quebrava meu coração, não fiz valer a confiança que ela havia depositado em mim. Me vendi, me corrompi e me deixei levar, entrei num beco onde não consegui sair até estar já quase morta.

No meio de tudo isso percebi que o maior investimento que tinha feito na minha vida todas não era as roupas, carros, casas ou agências que eu tinha comprado, muito menos os milhões que tinha investido em mim mesma.

O maior investimento da minha vida é o que eu tinha feito na vida dos meus irmãos e os lucros eram claramente visíveis: A Casa, luz e água pagas, os mais pequenos ainda indo à escola e algo maior ou mais importante, mamãe estava repousada.

Paulo estava crescendo, tinha terminado finalmente o médio e agora estava a fazer o seu segundo ano da faculdade, no curso de Língua Portuguesa pela Faculdade de Letras de Angola. Além disso, já garimpava num colégio dos bons, um salário de quase cento e cinquenta mil, muito mais do que eu ganhava quando tinha a idade dele. Com aqueles valores já dava para ajudar um pouco mais em casa, já que eu não podia mais fazer nada.

André e Sofia também já não eram aquelas crianças que eu deixei chorando antes de partir. Agora já nem sequer aceitavam ser chamados crianças, o André dizia que já era um homem apesar nos

seus míseros dezasseis aninhos, aquilo fazia como que eu me fartasse de rir.

Se as crianças conhecessem o peso e a responsabilidade de ser adulto, acho que desejariam com toda a sua força ser crianças para sempre, sem problemas maiores que a fome e a sede, o sono e preocupação de que brincadeira seria melhor para aquele dia ou para o dia seguinte. Ser adulto é uma merda, principalmente quando a vida te transforma numa prostituta vestida do manto da SIDA.

Eu sei que não viverei muito mais tempo por muitas razões, não que o tratamento para a doença não me seja útil, mas pelo simples facto de já não poder custear tais tratamentos. Como alguém disse certa vez “Prefiro morrer de SIDA do que paludismo, porque o paludismo é uma doença de gente pobre e o SIDA é uma doença de ricos”. Sei lá até onde isso pode ser verdade, o ponto é que eu, sendo pobre, já não tenho condições nem forças para lutar contra essa doença.

Sempre procurei culpados para apontar-lhes o dedo e jogar-lhes na cara que graças a eles a minha vida tinha tomado aquele rumo e eu tinha chegado naquele buraco, poderia simplesmente jogar as culpas aos meus pais, pela sua separação sem terem sentido para pensar nas consequências que aquilo traria na vida dos seus filhos. O facto é que, geralmente a separação dos pais chega sempre a afectar de alguma forma na vida e talvez no destino dos filhos. Mas, também sabia, por outro lado, que minha mãe não tinha culpa por ter sido deixada pra trás sem algum tipo de aviso, apesar de ter se apercebido que aquilo aconteceria nalgum momento, ela

não poderia simplesmente obrigar aquele senhor a ficar quando ele já não queria.

Também cogitei jogar a culpa nos governantes desse país, sinceramente fazem muito pouco esforço para que haja mais oportunidades para crianças, adolescentes e jovens que tenham poucos recursos financeiros para estudarem nas melhores escolas e terem a oportunidade de realizarem seus sonhos sem baixarem a calcinha para mais velhos sem escrúpulos como o senhor Brito de Carvalho, e não é só com as mulheres, homens também chupam paus e dormem com velhas taradas e o pior é que as autoridades estão com venda nos olhos, ou simplesmente gostam de ver.

Mas no fundo eu sei que a culpa é minha. Sempre foi assim, minha vida, minhas escolhas, eu poderia escolher qualquer caminho, mas escolhi o mais fácil.

Certa vez alguém disse pra mim que a vida é um tipo de professora que não nos dá margem erros, ela é severa e não nos permite escapar dos nossos devidos castigos. É como dizem “só colhemos o que plantamos” e a vida parece perita em nos obrigar a colher nossas dores e lágrimas como frutos da nossa desonestidade e outros males que as vezes cometemos.

O que me resta fazer é simplesmente educar minha Sofia para que não siga meus passos. Vou ser mãe e melhor amiga para ela, tenho tempo de sobra para isso, não deve ser difícil.

No outro dia sentei com a dona Amélia para termos uma conversa directa, seria a primeira desde que cheguei da viagem, sempre falávamos mas nunca sobre o que concretamente havia acontecido comigo.

– Barona – Começou – O que é que aconteceu? Como chegamos a este ponto?

Eu queria poder ter a resposta na ponta da língua para poder despachar aquela conversa, mas eu não tinha. O olhar da minha mãe sobre mim queimava minha pele, já não era o mesmo de antes. O pior é que ela já sabia de muita coisa sobre mim, inclusive coisas que nem eu sabia sobre mim. É isso que acontece quando se é uma modelo conhecida internacionalmente, a sua vida está sempre exposta em todas as revistas mais alguns jornais e o esforço dos meus irmãos para evitar que ela soubesse era nulo.

– Eu não sei o que dizer, mamã! – Respondi – Eu queria poder dizer que tudo o que dizem sobre mim é mentira. Que eu não me vendi em troca de fama e que não acabei com esse maldito vírus. Queria dizer que tudo é falso, que é inveja, mas eu nem sei o que falam sobre mim.

– Onde foi que você meteu meus conselhos, Barona? – Perguntou.

– É Isabel, mãe. Eu já nem aguento ouvir esse nome. – Falei chorando.

– Então me responde, Isabel, onde foram os meus conselhos? – Gritou.

– Porra, mãe! – Gritei – Os teus conselhos não pagavam a conta da água, da energia, nem sequer a Zap. Teus conselhos metiam dois pães na mesa durante todo dia para servir de matabicho e almoço e a tardinha os teus conselhos não acalmavam os choros do André e muito menos os da Sofia. – Uma chapada da mamã na minha face esquerda cortou minha fala.

– Por isso viraste uma puta? – Perguntou.

– Sim! Por isso virei uma puta. – Respondi – Para vos dar essa casa e meter meus irmãos numa escola digna, para tirar você das ruas e te dar repouso. – Fiz uma paragem enquanto soluçava – Eu não faria de novo, mas o que está feito está feito, fui uma puta por essa família e agora sou uma puta com SIDA, mas sou sua filha, sou sua filha puta.

Nesse momento a mamã se levantou e começou a puxar-me pelos cabelos, e por mais que quisesse resistir, eu já não tinha forças, apenas dei um grito:

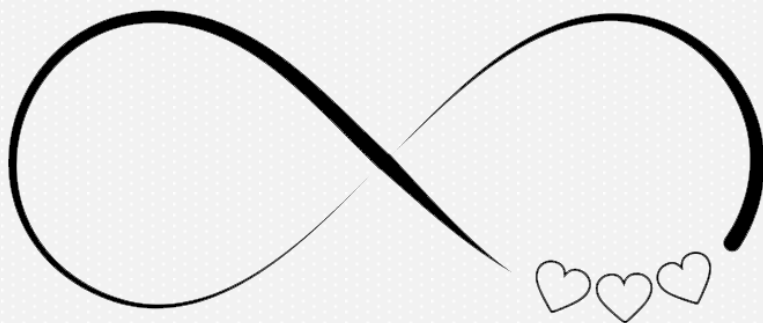
– Eu estou grávida!

Aquelas palavras deixaram dona Amélia paralisada, em choque, sem saber o que dizer ou fazer. Apenas soltou o meu cabelo e saiu andando com lágrimas escorrendo.

Fazia quatro meses que eu estava grávida, não sei como, mas minha barriga não tinha crescido tanto. Provavelmente era filho do Carvalho ou do Carlos, foram os últimos com quem me envolvi, no dia do meu aniversário, mas isso não mudaria nada, nenhum deles aceitaria assumir esse filho.

Agora eu tinha mais uma razão pra viver e me cuidar para que esse menino ou menina nascesse sem o maldito vírus porque eu não teria coragem de tirar aquela gravidez, então eu viveria até pelo menos a criança nascer, depois decidiria se dou pro orfanato ou crio, mas muito provavelmente essa criança não conheceria a mãe, não seria justo ter uma mãe com a minha história...

FIM



Sobre a autora

TIRCIA CAXINDA

Pseudônimo literário de Francisca De Barros Caxinda, nascida em Luanda, Rangel, aos 22 de Abril de 1997, é Estudante Universitária, Escritora, Activista Social, Produtora de Produtos de Limpeza e Empreendedora. Apaixonada por livros de assuntos diversos e por detergentes.



A autora escreve contos, frases, poesia, pensamentos. Além deste, é também autora do livro **Relacionamentos Fracassados**, e proprietária da empresa Império F.C Prestação de Serviços e Comércio (SU) Lda e da marca de detergentes LALÉ *Espuma Sem Limites.

